

IMPASSES DA SOLIDÃO ADOLESCENTE E SEUS DESTINOS NO CONTEXTO VIRTUAL CONTEMPORÂNEO

*Luiza Dallale Teixeira**

RESUMO

O artigo trabalha a trama da adolescência e seus impasses na contemporaneidade a partir do conceito de solidão, procurando compreender os destinos possíveis para a subjetivação dentro do contexto virtual tecnológico. Pensando sobre os efeitos sintomáticos oriundos das possíveis formas de relação com as tecnologias, objetiva-se apresentar como a vivência virtual pode tanto representar para os jovens da atualidade uma companhia fértil e criativa, como, por outro lado, destino solitário, convocando a atualização de um isolamento subjetivo traumático radical. Com este objetivo em mente e destacando a importância das relações primordiais e do papel dos pais como figuras ativas de relevância durante o percurso de adoesecer de seus filhos, apresentam-se noções como “trauma”, “isolamento”, “capacidade de estar só” e “criatividade” para a psicanálise, articulando-as aos percalços e às possibilidades da virtualidade vivenciada pelos adolescentes hoje.

Palavras-chave: Psicanálise; Adolescência; Virtualidade; Solidão; Tecnologia.

STAND-OFFS IN ADOLESCENT LONELINESS AND THEIR DESTINATIONS IN THE CONTEMPORARY VIRTUAL CONTEXT

ABSTRACT

The article works out the patterns of adolescence and its stand-offs in contemporaneity based on the concept of loneliness, aiming to understand what the possible destinations are for youthful subjective elaborations within the virtual technological context. Reflecting on the symptomatic effects

*Psicanalista, Membro Associado da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID), Psicóloga (PUC-Rio).

originating from the different possible forms of relationship with technologies, the purpose is to demonstrate how the virtual experience may represent, for contemporary youth, on the one hand fertile, creative companionship as much as, on the other hand, solitary destination, summoning the actualization of radical traumatic subjective isolation. With this goal in mind and highlighting the importance of primordial relationships and the role of parents as active figures of relevance all along the process of adolescence of their offspring, concepts in psychoanalysis such as 'trauma', 'isolation', 'capacity of being alone' and 'creativity' are presented, and related to the hurdles and potentialities of virtuality as experienced by adolescents today.

Keywords: Psychoanalysis; Adolescence; Virtuality; Loneliness; Technology.

LES IMPASSES DE LA SOLITUDE DES ADOLESCENTS ET LEUR SORT DANS LE CONTEXTE VIRTUEL CONTEMPORAIN

RÉSUMÉ

L'article travaille sur le processus de l'adolescence et ses confrontations à l'époque contemporaine à partir du concept de solitude, cherchant à comprendre quelles sont les destinations possibles des élaborations subjectives des jeunes gens dans le contexte technologique virtuel. En réfléchissant aux effets symptomatiques des formes possibles de relation avec les technologies, le but est de présenter comment l'expérience virtuelle peut représenter à la fois un fertile compagnon créatif pour les jeunes gens d'aujourd'hui et, d'autre part, un destin solitaire, appelant à l'actualisation d'un isolement subjectif radical et traumatisant. Ayant cet objectif à l'esprit et en soulignant l'importance des rapports primordiaux et le rôle des parents en tant que personnes actives importantes au long du parcours adolescent de leurs enfants, des notions telles que "traumatisme", "isolement", "capacité à être seul" et "créativité" sont présentées, pour la psychanalyse, en les articulant avec les échecs et les possibilités de la virtualité vécue par les adolescents d'aujourd'hui.

Mots-clés: Psychanalyse; Adolescence; Virtualité; Solitude; Technologie.

PESQUISA, CLÍNICA E PSICANÁLISE

É a partir do lugar privilegiado da experiência clínica viva que a pesquisa em psicanálise se dá, de caráter investigativo qualitativo. Escapando a reducionismos e remetendo a uma lógica subversiva ao domínio da razão, percebe a singularidade inerente a cada caso clínico, o que faz parte do olhar necessário para tal. Nesse sentido, diz Garcia-

Roza (1985) que o que está em questão na pesquisa psicanalítica é a verdade do sujeito, em contraponto ao sujeito da verdade, caracterizando uma autoria individualizada ao pensar. Adiciona o autor que é somente a partir da investigação do desejo dentro da lógica do inconsciente que ocorre a reflexão do objeto psicanalítico, o qual, epistemologicamente, não encontra continuidade em nenhum lugar pré-existente, de caráter inédito para a pesquisa. Desse modo, a teoria em psicanálise estaria em constante constituição, criada na singularidade de cada processo analítico na clínica, “derivado desta o tratamento e a própria formalização de um saber” (Gondar, 1995, p. 69). Isso se dá, pois, neste modelo, no encontro entre analista e analisando, que representa a principal condição tanto para a investigação quanto para o tratamento.

Lo Bianco (2003) aponta algumas particularidades deste tipo de pesquisa não-empírica, sendo uma delas a impossibilidade de neutralidade do pesquisador. Decorre do fato deste sempre falar de determinado lugar e de suas intervenções estarem diretamente ligadas ao que emerge no encontro de uma dupla singular de indesejável desvinculação. Assim, reproduzindo uma fenda marcante às verdades conhecidas e colocando a consciência e a razão sob suspeita, sustenta a autora que a clínica deve ser sempre remetida como palco de formulação de testes e, principalmente, de levantamento de hipóteses, nunca estanques, passíveis de releitura e reconfigurações mediante a constatação de novos elementos. Em suas palavras:

A pesquisa nessa área é sempre nutrida pela clínica e, especialmente, pela singularidade de cada caso clínico. Este comporta todo o procedimento analítico e é inteiramente dependente da transferência (da relação analista-analisante), que permite a emergência do inconsciente. Por sua vez, a singularidade do caso clínico que se constituirá no material de análise, justamente por sua singularidade, passa a exigir constante atualização (Lo Bianco, 2003, p.120).

INTRODUÇÃO

A fervura psíquica caracterizada por importantes deslocamentos pulsionais na adolescência, cuja passagem é imprescindível para o desenvolvimento, é sensível e merece olhar cuidadoso. Esta atenção especial

se justifica, pois qualquer situação que convoque o psiquismo a se reorganizar de forma complexa e realizar novas combinações é uma oportunidade para adocimentos psíquicos, caso tal processo não ocorra da forma devida (Freud, 1905/1996). No que se refere a este momento singular da vida, Freud determina a entrada da puberdade como o segundo tempo de escolha objetal vivenciada pelo indivíduo, que precisa “renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual” (idem, p. 188-189). Assim, o momento de domínio do genital convoca sinuosas turbulências corporais e ressignificações narcísicas que o adolescente precisa ultrapassar para poder ser finalmente reconhecido socialmente como adulto.

Adicionando uma importante ressignificação das relações eu-outro a uma cultura marcada pelo modelo de sofrimentos não neuróticos, de ordem fronteira, intersubjetiva e dos excessos, são percebidas na clínica, na emergência da adolescência, manifestações sintomáticas diversas, como “o transbordamento pulsional para dentro (somatizações) e para fora (atuações), a desobjetalização (patologias do vazio) e defesas comportamentais (adições e compulsões)” (Minerbo, 2016, p. 188). Em seu artigo, Hanke e Oliveira (2017) afirmam que o adolescente contemporâneo vivencia intensamente uma crise dentro da crise, principalmente por conta da mudança radical dos paradigmas da pós-modernidade:

Adolescer na contemporaneidade é adolescer sem a ideologia clamada por Cazuzu em 1988. É adolescer diante de uma crise generalizada da figura paterna, é adolescer com a difícil tarefa de inscrever seu desejo no campo de um Outro cada vez mais falho. Isso implica mudanças na clínica psicanalítica desses jovens. Tornam-se cada vez mais comuns adolescentes que mantêm uma relação autista diante de seus aparelhos eletrônicos, ou que buscam um gozo que supostamente prescindia do outro, como na toxicomania, ou ainda uma recusa absoluta diante da demanda do Outro para que ele coma, como nos casos de anorexia. Cabe à psicanálise se reinventar diante desses casos e fazer o que Freud sempre fez muito bem: aprender com os sintomas de sua época para deles elaborar sua prática e teoria, fazendo coincidir pesquisa e tratamento. É o convite e o desafio que os adolescentes de hoje nos encaminham. (Hanke & Oliveira, 2017, p. 308)

Nesse sentido, para Zornig (1999), os adolescentes vêm apresentando defesas fóbicas e depressivas como uma tentativa sintomática diante da

organização social em que vivemos, caracterizada pela “rápida adaptação e códigos e valores descartáveis” (idem, p. 148), ameaçando referenciais narcísicos a partir da tentativa de relação com uma alteridade frágil. A autora aponta que o desamparo estrutural diante de significantes enigmáticos e modelos transitórios de consumo é inegável. Este cenário confirma-se pelo discurso do sofrimento contemporâneo calcado nas sensações de ineficiência, impotência e inoperância, principalmente pela impossibilidade de dar conta dos ditames do “supereu cultural” pós-moderno, o qual, somente pelas demandas de êxito e produtividade, oferece reconhecimento. (Viana, Montes, Cristófaró & Caravelli, 2012). Consequentemente, percebe-se que a dificuldade de apropriação subjetiva do jovem se sustenta quando há um desejo parental perverso de manter seus filhos no lugar idealizado de felicidade absoluta, denegando suas angústias (Zornig, 1999).

Como mencionado, uma das mais difíceis tarefas do adolecer já é vivenciar toda a radicalidade da experiência pulsional sem se perder de si em busca de uma identidade própria. A partir de um olhar intersubjetivo, é válido pensar que a oportunidade de alargamento de conexões pela tecnologia certamente apazigua em grande medida muitos dos desconfortos naturais dos adolescentes, já que “essas tecnologias moldam as suas identidades e a sua relação com o mundo” (Le Breton, 2017, p. 15). Principalmente pela troca facilitada com seus pares e pelo estímulo do contato com a diferença, viabiliza-se um cenário acolhedor para experimentações e elaborações adolescentes, por intermédio do prazer compartilhado.

Contudo, apesar do mundo *online* funcionar como ambiente fértil para construções nas suas mais diversas formas, alerta Tisseron (2015) que a virtualização somente permite a inovação desde que seguida por uma atualização, ou seja, não represente uma fuga inflexível da realidade justificada exclusivamente pelo desejo de onipotência infantil. Para ele, a patologização não se dá pelos jovens estarem cada vez mais se relacionando virtualmente. O que nortearia a direção para o adoecimento ou para uma expansão subjetiva seria o imprescindível encadeamento de elaborações expressas no virtual em consequentes atos na realidade. Assim, ressalva que a experimentação de narrativas para além de interações exclusivamente sensório-motoras virtuais representaria a real inspiração para o novo.

Através do uso dos mecanismos tecnológicos, percebe-se o quanto o jovem pode experimentar, tal como postulado por Winnicott (1975/2019), um viver criativo, ou seja, sentir sua vida como significativa e valiosa, a partir da manutenção de relacionamentos confiáveis, mesmo que pela via *online*. Nesse prisma, é possível pensar a virtualidade como favorecedora na busca sadia por novos objetos de amor e como espaço potencial que viabiliza o brincar, tal como terceira área que permite a experimentação entre representações da realidade psíquica do indivíduo e o mundo concreto objetivamente percebido (Winnicott, 1967/2019). Se teve êxito em adquirir, através do ego auxiliar materno na cena primária, a mencionada capacidade para estar só, o adolescente pode provar ativamente seu potencial criativo em uma missão identitária que abraça os recursos tecnológicos. Sobre essa perspectiva, Zornig (2008a) aponta:

Winnicott constrói um modelo metapsicológico baseado na relação entre a mãe e seu bebê, dando grande ênfase à influência do meio ambiente no desenvolvimento psíquico do ser humano. Neste sentido, estabelece uma relação direta entre as organizações patológicas do adulto e as carências de adaptação materna na fase de dependência absoluta. Ou seja, interessa-se pelos distúrbios cuja etiologia são anteriores à fase edipiana, baseando-se não só num trabalho de reconstrução, mas num processo ativo de construção de um espaço transicional, no qual o processo terapêutico permite ao paciente vivenciar o que não lhe foi possível experimentar durante a primeira infância (Zornig, 2008a, p. 99).

Assim, quando vividos como espaço potencial de confiança, viabiliza-se uma “solidão compartilhada, isto é, aquela solidão relativamente livre da característica que nós chamamos de reclusão” (Winnicott, 1958/1983, p. 33). A partir disso, é preciso valorizar a importância das relações primordiais para a construção de bases relacionais seguras ao longo da vida, possibilitando, na adolescência, uma conexão com a virtualidade pelo seu viés de companhia.

Por outro lado, o irrestrito uso da internet pode acionar defesas primitivas radicais, tal como a clivagem do ego, situação em que os adolescentes se percebem marcados por uma solidão tão intensa que remonta à ideia de isolamento subjetivo (Winnicott, 1960a/1983). Pelo fato de o adolecer configurar fase frágil de caráter fronteiro, tais defesas

primeiras podem falhar e “aquilo que foi excluído por clivagem, ou que foi incorporado na função de corpo estranho, podem retornar com força total, re-traumatizando o eu” (Minerbo, 2016, p. 191). Alavancados por um distanciamento de si profundo, uma imersão sem limites na virtualidade pode bloquear os adolescentes da condição de construir vínculos fortes, chegando ao ponto de exercer um efeito narcótico sob o laço social fundado no contato, cuja existência gera uma tensão narcísica difícil de ser sustentada pelos jovens (Le Breton, 2017). Sobre o mecanismo de defesa da clivagem, Winnicott (1960a/1983) faz a seguinte associação:

Como contraste, onde há um alto grau de *splitting* entre o *self* verdadeiro e o falso *self* que oculta o *self* verdadeiro verifica-se pouca capacidade para o uso de símbolos, e uma pobreza de vida cultural. Ao invés de objetivos culturais, observam-se em tais pessoas extrema inquietação, uma incapacidade de se concentrar e uma necessidade de colecionar ilusões da realidade externa, de modo que a vida toda do indivíduo pode ficar cheia de reações a estas ilusões (Winnicott, 1960a/1983, p. 137, grifo nosso).

Nestes casos, os jovens distanciam-se de um viver criativo e autêntico, experienciando afetos de ordem mortífera “se relacionados à desmedida ou excesso – de presença ou ausência” (Zornig, 2008b, p. 336). Nota-se que um ambiente primário, que não garantiu a confiança necessária para a unificação egóica do infante, inviabiliza processos maturacionais importantes que o assegurem uma introjeção materna contínua e gradual. Esta ação ambiental permite o alcance futuro da capacidade de estarem seguros e acompanhados, mesmo quando sozinhos corporalmente (Winnicott, 1958/1983). Assim, objetivando se defenderem de ansiedades primitivas e manterem a integralidade de seus narcisismos, muitos jovens afastam todos da sua experiência tecnológica reclusa, principalmente seus adultos, que paradoxalmente buscam um olhar de aceitação e autorização como pares.

Apostando na riqueza do olhar intersubjetivo, no qual a garantia de solidez egóica para se aventurar na virtualidade confiante de sua potência está fortemente relacionada à qualidade da resposta dos adultos frente às questões infantis, pretendo dar segmento aos estudos sobre o aspecto da solidão na adolescência, ampliando-o para uma maior compreensão do viés

paradoxal que o uso de tecnologias pode despontar, ora como verdadeiras companheiras dos jovens, ora palco para convocação de isolamentos profundos e graves, de “sintomatologia dita psicossomática, onde impera o vazio e o empobrecimento simbólico” (Zornig, 2008b, p. 226). Creio ser importante aprofundar a pesquisa dos afetos inerentes ao *modo operandi* da pós-modernidade na tentativa de compreensão dos sofrimentos atuais, alargando possibilidades e convocando as figuras parentais para um olhar implicado e empático para seus filhos adolescentes.

A TRAMA DA ADOLESCÊNCIA E SEUS IMPASSES

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905/1996) determina que os processos psíquicos não devem ser refletidos em termos de idades cronológicas e organiza o desenvolvimento da sexualidade através de fases, que se sobrepõem ao longo da vida, representadas por uma descontinuidade temporal. Trata-se de um psiquismo dinâmico que se manifesta por meio de fantasias inscritas primariamente, mas sempre atuantes. Subvertendo a lógica da psicologia desenvolvimentista, a psicanálise diferencia-se por não pensar o caminhar do sujeito no mundo pela superação de fases pré-determinadas, marcadas temporal e progressivamente por uma evolução linear. Desse modo, Freud trabalha com uma temporalidade retroativa, que consiste em um passado a todo tempo ressignificado no presente, a partir de marcas inscritas no psiquismo e no corpo do adulto, decorrente das relações primárias de investimento narcísico, conforme denota a noção de infantil (Zornig, 2008a). Nesse sentido, relata a autora:

Nossa hipótese parte do princípio de que as neuroses da infância, como sintomas que aparecem comumente durante o desenvolvimento infantil, apontam para a constituição da neurose infantil do sujeito, para a organização e estruturação da realidade psíquica da criança, por meio da instauração do processo de recalçamento, que vai permitir que qualquer subjetividade seja marcada pelo infantil, seja como trauma, seja como compulsão à repetição. Pretendemos mostrar as duas faces da mesma moeda: a constituição da neurose infantil como representando a conclusão do processo de organização psíquica do sujeito, assim como a neurose infantil como material que se atualiza na cena analítica como produção fantasmática sobre sua infância (infantil) (Zornig, 2008a, p. 14).

Násio (2007) considera a vivência do Édipo a primeira neurose saudável vivenciada por nós, oriunda da “dessexualização insuficiente dos pais edipianos”, e originando os sofrimentos diários dos adultos até o fim da vida; o momento da adolescência poderia ser marcado como o segundo tipo de neurose sadia, também conhecida como “neurose de crescimento” (idem, p. 19). No mesmo sentido, Aberastury (1981) utiliza-se da expressão “síndrome da adolescência normal”, aproximando a intensidade deste período a uma quase-patologia. Contudo, Násio (2007) adverte que marcas muito intensas da vivência edípica na infância podem causar um tipo de “neurose mórbida”, já não mais ordinária, se instalando neste tempo e marcando o sujeito por uma solidão narcísica radical.

Nesses moldes, para a psicanálise, a entrada na adolescência é o momento em que “retorna a questão edipiana com a eferescência da sexualidade genital, exigindo o abandono do objeto de desejo interdito para que seja possível o investimento em novos objetos” (Pinheiro, 2001, p. 71). Logo, enquanto a puberdade é marcada por um tempo cronológico e anatômico, a adolescência se relaciona à ideia da posição que o sujeito ocupa no mundo. A partir disso, Pinheiro (2001) frisa que, apesar do interdito já ter sido teoricamente inscrito antes do período de latência, neste momento, as questões edipianas retornam potencialmente mais fortes, principalmente porque o objeto a ser abandonado é exatamente o mais importante de todos. Assim, percebe-se que a simples entrada na puberdade não representa o marco que nos interessa para chamar o jovem de adolescente, pois se parte de um ponto de vista mais abrangente, relacional, baseado na associação eu-outro e no campo das identificações.

Na concepção freudiana, conforme mostra Násio (2007), o término do complexo de Édipo representa a compreensão pelo infante da interdição do incesto e pela percepção de que ainda não se encontra maduro fisicamente para exercer a sexualidade genital. Canalizando criativamente a pulsionalidade em relação ao mundo e ao saber, o adolescente se resigna “na espera do futuro” (Dolto, 2004, p. 19). Marty e Cardoso (2008) ressaltam que já é conhecida a importância do trabalho de latência, pela necessária distância dos primeiros objetos para o processo de reforço do ego, facilitando a capacidade de elaboração psíquica dos conflitos subjetivos. Os autores relatam que, a princípio,

o desembocar de um adolescer saudável ou adoecido teria um papel revelador a partir da constatação de um trabalho positivo ou deficiente deste período, assegurado por um narcisismo íntegro o suficiente para suportar angústias ou marcado por falhas no laço objetal primordial, facilitando patologias da dependência e do agir.

As figuras parentais são o primeiro objeto de amor que investem narcisicamente o sujeito e espera-se, fielmente, delas a garantia de afeto incondicional, o que é justificado pelas relações de filiação serem, na sociedade em que vivemos, as únicas que não podem ser desfeitas (Pinheiro, 2001). Sendo assim, é extremamente difícil para os jovens destituírem seus investidores narcísicos, exatamente porque creem que as novas escolhas substitutas – agora possíveis e concretas – jamais o amarão como seus pais. Por esse motivo, a dessexualização dos pais que marca o fim do Édipo nunca é completa (Násio, 2007).

Por outro lado, não são só os filhos que padecem nesta fase e vivenciam afetos contraditórios. Os pais também temem a rejeição, por uma dificuldade de aceitar o processo de crescimento de seus descendentes, principalmente por perceberem o desprezo categórico referenciado a si e a denegrição de sua imagem no adolescente. Seus narcisismos também são afetados, “enfrentado com a aceitação do porvir, do envelhecimento e da morte”, precisando abandonar uma imagem de jovialidade e de idolatria perante sua prole (Aberastury, 1981, p. 18). Ademais, o sentimento de inveja da potência adolescente também é acionado e remonta a desejos parentais inconscientes. Em consequência ao ajuste da aceitação da castração do jovem, apresenta-se a faceta do narcisismo onipotente como reação ao desamparo oriundo da mesma castração (Pinheiro, 2001).

Neste prisma, não podemos pensar a adolescência sem os termos morte, luto e separação, através de um ponto de vista constitutivo, mesmo que traumático. A morte da infância, o luto da posição infantil e a separação dos pais representam processos solitários para darem lugar à autonomia diante da castração, em que o sujeito precisa se apropriar do seu sintoma. Assim, o limiar confuso entre separação e perda – trauma estruturante ou desestruturante – é vivido a altos custos pelo adolescente, e possui caráter de fronteira, cujos efeitos provocados pela ruptura só serão verificados *a posteriori*, ou seja, a partir da singularidade subjetiva

e das vivências infantis de cada sujeito (Cardoso, 2014). Cardoso (2014) aponta que, pela sensação de desproteção do amparo antes salvaguardados pela instituição da infância, advém ao jovem o medo do rompimento radical e irreversível do psiquismo, de não suportar a separação necessária, retomando o estado infantil de angústia de separação; “então é a consequência direta do estado de desamparo originário do bebê, angústia destinada a desaparecer em seguida quando o sujeito pode assegurar por si mesmo sua sobrevivência” (idem, p. 66).

Sendo assim, a partir da angústia de separação, incide o sentimento de solidão, revisitado intensamente na adolescência. Nesta perspectiva, o jovem oscila do receio de submissão e de servidão eterna ao adulto ao terror de seu desaparecimento por completo. Com referência na dialética eu-outro, libertação-servidão, autonomia-dependência, atividade-passividade, reage ao meio, acionando defesas primitivas decorrentes de perdas experimentadas de ordem narcísica, acarretando uma “forma de expressão da angústia em seu estado bruto, econômico – angústia de aniquilamento e não de castração” (Zornig, 2008b, p. 332). Nesse sentido, como dizia Dolto (2004, p. 24), “Se a dominação se prolonga, é um modelo desestruturante”. Também afirma, oportunamente, que:

Um jovem sai da adolescência quando a angústia de seus pais não causa neles nenhum efeito inibidor. O que eu digo não é muito agradável para os pais, mas é a verdade que pode ajudá-los a ver com clareza: seus filhos alcançam um estágio adulto quando são capazes de se libertar da influência parental tendo este nível de julgamento: “Os pais são como eles são, eu não vou mudá-los e não procurarei mudá-los (...)” (Dolto, 2004, p. 22).

O JOVEM PÓS-MODERNO E A CULTURA DO VIRTUAL

Considerada um fenômeno cultural recente, a adolescência organizou-se no século XX, após o momento em que a infância passou a ser idealizada e a criança foi colocada no centro da família. A consolidação da noção de infância como produto do narcisismo do adulto fez com que as crianças passassem a ser vistas como importante, econômica e afetivamente, convocando investimento em desenvolvimento e escolarização (Outeiral, 2003). A partir disso, Outeiral (2003) aponta como um ideal, que consiste em

produzir adultos produtivos e saudáveis, e se ancora no desejo inconsciente de garantir a continuidade e a imortalidade dos pais, próprios do modelo individualista moderno. Por outro lado, dedicar-se a uma aprimoração das crianças requer tempo, o que resultou em um prolongamento do período de dependência dos filhos aos pais. Estes, portanto, só saem de casa quando são considerados integralmente preparados, já que, neste novo paradigma, há um preparo constante das infâncias para se constituírem conforme o desejo dos adultos, pois são, para eles, sua “consolação e a esperança”, diante da finitude de suas vidas (Calligaris, 2000, p. 65).

Hoje, sem rito de passagem definido que decreta os adolescentes membros da tribo dos adultos e constitua laço social, “eles mesmos devem se dar esse direito de passagem. E isso requer deles uma conduta de risco” (Dolto, 2004, p.18). Enquanto os tempos do presente, passado e futuro se misturam no mundo virtual contemporâneo, um dos desafios dos jovens de hoje consiste em tentar se diferenciar da cultura homogeneizante, encontrando um modo criativo e espontâneo na busca por sua identidade. Nesse âmbito, o adolescente atual não encontra novos pontos de ancoragem para compartilhar novos ideais, o que Hanke e Oliveira (2017) consideram uma crise do Outro, já que, na contemporaneidade, o espaço simbólico se tornou movediço, e o adolescente não consegue encontrar figuras favoráveis a ocupar essa função tão importante que abra brechas e viabilize o desejo no novo.

Ao mesmo tempo que as exigências de performance impostas às crianças acontecem cada vez mais cedo, Outeiral (2003) aponta um notável prolongamento da adolescência, principalmente por uma identificação maciça das figuras parentais com os jovens, passando a adotar comportamentos característicos dos conflitos adolescentes em um momento que deveriam ajudá-los. Incapacitados de cumprir sua função estruturante de diferenciação, alerta o autor que faltam “padrões adultos para os verdadeiros adolescentes se identificarem” (idem, p. 107), misturando-se todos em grande confusão e causando angústias para as famílias em geral.

Nesse sentindo, pela impermanência da estabilidade vislumbrada em uma cultura do descartável, do alargamento de opções e escolhas, e da exteriorização da subjetividade, em que o exibicionismo na internet marca o destino do desejo para compensar o desamparo, Cubria, Vertzman e

Pacheco-Ferreira (2018) frisam que é o outro quem determina quem se é, fazendo com que este seja responsabilizado pela tarefa de olhar e refletir o que vê. Seria nesse espelhamento que o sujeito se reconheceria. A partir do que os referidos autores chamam de “documentação visual” do cotidiano, é possível perceber o viés do aprisionamento de certos jovens, na tentativa de compreenderem-se a partir de uma história que só se constrói na medida em que precisa ser a todo tempo contada ao outro nas redes sociais, muitas vezes adaptada ao que se imagina ser exaltado e valorizado socialmente, como aplicativos que modificam fotos e filtram imperfeições. Diante disso, sobre a sociedade atual:

Do meu ponto de vista, estaríamos diante de um “além do mal-estar”, cuja expressão, entre muitas outras figuras, seria a presença insistente nos sujeitos de uma expectativa narcísica que caráter ilimitado, pressupondo visível desconhecimento de seu sofrimento, mais precisamente, de sua dor psíquica (Cardoso, 2022, p. 79).

Vivendo em um cenário em que “eu sou o que eu mostro” (Le Breton, 2017, p. 17), nota-se como o ser e o parecer se confundem no mundo virtual, sendo a confirmação dos pares determinante para o processo de constituição subjetiva adolescente, cuja identidade em formação se submete radicalmente às demandas externas, sem espaço para assumir quem se é espontânea e integralmente, assumindo suas ambivalências. Câmara, Klein e Herzog (2014) relatam que a insegurança, perante o olhar alheio, faz com que os sujeitos se sintam extremamente expostos e transparentes, e em seus discursos impregna o sentimento de timidez. Os autores ressaltam que, ao mesmo tempo em que se espera uma exposição de si direcionada a uma validação do outro, a contemporaneidade denuncia um sentimento de timidez que não remonta à culpa edípica, mas à experiência narcísica, relatado como se “os seus elementos mais íntimos adornassem as partes mais visíveis de si” (idem, p. 110). Esta aceção marca o tempo contemporâneo, o qual, conforme Cardoso (2022):

Mediante, por exemplo, o culto narcísico do corpo, opera-se a denegação do mal-estar. O vivido de sofrimento se torna impensável, pois não é passível de ser localizado em nenhuma história, sendo, ao mesmo tempo, inescapável, mas como dor. Isso leva à suposição de uma espécie de barbárie

que se situa justamente na ausência do mal-estar, resultando numa compulsão à autoexcitação permanente, desencadeada pela presença, no mundo interno, de elementos intraduzíveis, marcas traumáticas que não chegaram a se constituir como lembranças. Na impossibilidade de serem representados, esses elementos são apresentados num presente contínuo, permanentemente atualizado (Cardoso, 2022, pp. 79-80).

OS DESTINOS DA SOLIDÃO ADOLESCENTE NO CONTEXTO VIRTUAL: COMPANHIA CRIATIVA OU ISOLAMENTO RADICAL?

O universo tecnológico é vasto e comporta diversas formas de expressão diante das inquietações decorrentes das oscilações culturais e relacionais. Penso ser válido estudar dois dos destinos possíveis da solidão, a partir dos principais usos dos mecanismos tecnológicos pelos adolescentes: o acionamento de um processo regressivo a um primitivo estado de onipotência e o isolamento radical e a oportunidade da experimentação de um cenário potente, para a ascensão do original e criativo diante do novo, a partir da noção de companhia inspirada na sensação de prazer compartilhado. O que diferenciará um ou outro caminho se relaciona às capacidades adquiridas pelos jovens quando crianças, a partir de suas relações primordiais, já que “o desejo de onipotência não satisfeito pode reaparecer principalmente na fase da adolescência, ou mesmo mais tarde, por ocasião de uma mudança brusca no modo de vida” (Tisseron, 2015, p. 67).

Winnicott (1968/2019) alerta que, por ser comum na adolescência a demanda de responsabilidades adultas muito abruptamente, os sujeitos não têm escolha a não ser reagir aos altos custos de se desconectarem da capacidade de impulso original criativo despreocupado. Ressalta o autor que tamanhas exigências não devem ser simplesmente transferidas de um dia para o outro pelos pais aos jovens, assumindo caráter de traição violenta diante do momento crítico que seus filhos estão passando, cabendo aos adultos manterem, também, seus papéis de responsabilidade. Assim, assinala o autor que, quando a separação dos pais não ocorre de forma progressiva, o jovem pode retomar o contato com afetos não-representáveis primários, que remetem a um colapso físico e psíquico do indivíduo, atualizados neste momento de suas vidas. Nesse mesmo

sentido, Aberastury (1981) também sublinha que um dos inúmeros perigos deste momento é quando a reação dos pais diante do crescimento dos filhos é manifestada disfarçadamente a partir da autorização de uma liberdade excessiva, concessão que o adolescente, por um lado, deseja, por conta de sua necessidade de diferenciação, mas, ao mesmo tempo, a interpreta como abandono e amor desvalorizado. Neste viés:

Adolescência implica crescimento, e crescer demora. Embora o crescimento esteja acontecendo, a *responsabilidade deve ser assumida pelas figuras paternas*. (grifo do autor). Quando estas fogem ao seu papel, os adolescentes precisam assumir uma falsa maturidade, perdendo assim, sua maior vantagem: a liberdade de ter ideia e de agir impulsivamente (Winnicott, 1968/2019, p. 238).

Como outrora, o jovem sacrifica-se em alto grau para proteger-se de violentas intrusões ambientais, isolando a parte verdadeira de sua personalidade através do mecanismo de clivagem do ego, marcado por uma solidão radical que remonta a angústias arcaicas, como a de aniquilamento (Winnicott 1958/1983). Vale dizer que, para Winnicott, o trauma está relacionado a falhas ambientais no estado de dependência absoluta, quando o bebê ainda não tem capacidade de lidar psicologicamente com tais rupturas, por não possuir um ego total, pois, nos tempos da onipotência infantil, “o lactente existe tão-somente por causa do cuidado materno, junto com o qual ele forma uma unidade” (Winnicott, 1960b/1983, p. 42). Diante disso, por conta de uma mãe que falhou em valorizar a onipotência do bebê para incentivar o gesto espontâneo – fonte do verdadeiro *self* e da experiência de continuidade de ser –, este reage, construindo um falso *self*, retratado por uma personalidade artificial extremamente adaptada e submetida ao ambiente, em que “o lactente sobrevive, mas sobrevive falsamente”, no intuito de resguardar sua integridade egóica (Winnicott, 1960a/1983, p. 134).

Vale lembrar que o processo de desunificação egóica da personalidade falso *self* pressupõe uma incapacidade de o jovem conseguir concomitantemente estar só e confiante na vida, já que essa competência supõe um ego previamente unificado e maduro, representado por “eu sou” para, só após, permitir-se um “eu estou só”. Nesse sentido, Winnicott (1958/1983) propõe que:

No começo do “eu sou” o indivíduo é, por assim dizer, cru, não defendido, vulnerável, potencialmente paranoide. O indivíduo só pode atingir o estágio do “eu sou” porque existe um meio que é protetor; o meio protetor é de fato uma mãe preocupada com sua criança e orientada para as necessidades do ego infantil através de sua identificação com a própria criança. Não há necessidade de pressupor uma percepção da mãe de parte da criança neste estágio do “eu sou”. A seguir, vêm as palavras “eu sou só”. De acordo com a teoria que estou expondo, esse estágio seguinte envolve uma apreciação por parte da criança da existência contínua de sua mãe. Com estas palavras, não quero dizer necessariamente uma percepção com a mente consciente. Considero, contudo, que estar só é uma decorrência do “eu sou”, dependente da percepção da existência contínua de uma mãe disponível cuja consistência torna possível para a criança estar só e ter prazer em estar só, por períodos limitados. Nesse sentido, estou tentando justificar o paradoxo de que a capacidade de ficar só se baseia na experiência de estar só na presença de alguém, e que sem uma suficiência dessa experiência a capacidade de ficar só não pode se desenvolver (Winnicott, 1958/1983 p. 35).

A referida construção defensiva ilustra-se na clínica do adolescente, ao presenciarmos um discurso sobre uma dificuldade em vivenciar afetivamente suas experiências da existência, já que a defesa acionada faz com que o indivíduo não consiga “experimentar a vida, ou sentir-se real” (Winnicott, 1955-6/1978, p. 485). Muitas vezes maquiado por um intelecto apurado, vive uma vida cultural pobre, por estar apenas reagindo às demandas do meio, tendo em vista que a sensação de irrealidade e o sentimento de futilidade são características desta construção subjetiva, pobre no uso de símbolos (Winnicott, 1960a/1983). Tisseron (2015) relaciona que a referência aos espaços separados, compartimentados e incomunicáveis dos computadores se assemelha à construção de clivagens psíquicas, correspondendo tal estruturação à cultura das telas.

Além disso, por estarem diante dos componentes culturais como a dessubjetivação, deshistoricização e desterritorialização oriundas do virtual, é desafiador pensar o conjunto da obra circunstancial que vivemos como parecido com um ambiente facilitador como o elucidado por Winnicott, incentivando, desde muito cedo, uma submissão a grandes exigências da cultura. Como relata Le Breton (2017), a exposição excessiva de uma imagem modificada publicizada na internet refletiria

uma máscara e não um rosto, tendo em vista que a tela não é um olhar vivo, cuja abstração dificultaria a espontaneidade de ser. Diz o autor que o perigo se encontra quando o jovem não consegue verificar outra alternativa senão a de povoar um mundo somente de representações, reativado pelo sentimento de onipotência infantil, suprimindo carências subjetivas anteriores. Assim, enebriado pelo sentimento de que o mundo real não pode lhe trazer qualquer satisfação, não vê necessidade em atuar na realidade, inspirado pelas ricas subjetivações que o virtual pode oferecer, mergulhando em uma vida longe do corporal, que dificulta o semear dos frutos necessários à independência dos pais. Contraditoriamente, isolados de si e do mundo, mas ao mesmo tempo conectados a todo tempo, certos jovens estão imensamente vulneráveis, vivendo vidas paralelas distantes das relações com a alteridade e da corporeidade física, justificada pela regressão ao estado infantil de onipotência, desejantes em controlar o ambiente que outrora falhou.

Por outro lado, é possível pensar nas tecnologias “como uma alternativa para a vida real”, ou seja, cenário fértil para a apropriação pessoal (Le Breton, 2017, p. 15). Interpretar o momento de crise adolescente a partir do viés de uma experiência revitalizante para as relações e os vínculos familiares significa vislumbrar todo seu potencial, a partir de um processo subjetivo em prol de ressignificações importantes e necessárias (Aberastury, 1981). Ao contrário do sentimento de isolamento de si, vale pensar nos mecanismos que os jovens constroem no universo *online* na busca de outras presenças no contexto que vivem, sustentados pela mencionada capacidade de estar só como companhia, e um ambiente facilitador que suporta e apoia os projetos juvenis libertários. À procura de novos ideais, o grupo de amigos ilustra a principal fonte de identificação adolescente e, nesse quesito, a internet oferta inúmeras possibilidades de canais de interface entre os jovens, como redes sociais, *sites*, aplicativos de troca de mensagens, jogos e de relacionamento. Nesse âmbito, “a virtualização não é uma forma de preferir a representação psíquica à realidade”, pelo contrário: o objeto virtualizado pode conduzir à realidade social, apesar de convocar uma impressão de irrealidade (Tisseron, 2015, p. 13).

É válido, também, sublinhar a importância da confecção de narrativas mediadas pela palavra no universo tecnológico, como ferramenta de

metabolização frente às angústias adolescentes que remetem ao trauma, ao excesso pulsional e à sintomatologia do corpo e do ato, sofrimentos característicos da clínica da atualidade. A palavra endereçada ao outro traduz um limite de intensidades, mesmo que pensada e, por várias vezes, escrita e reescrita antes de enviada ao remetente, fazendo papel de ligação diante do traumático. Ao narrar-se, o adolescente constrói uma história sobre si, deslocando-se de uma possível passividade afetiva, para “fazer novas sínteses que são o ponto de partida de novas representações” (Tisseron, 2015, p. 12). Nesta linha de pensamento:

Sendo o ato considerado uma expressão de dor psíquica, o efeito devastador da compulsão à repetição convoca a Psicanálise a construir intervenções na busca de resgatar o sujeito submerso na produção de atos. A pertinência de tais intervenções sustenta-se no necessário contraponto entre o excesso produtor de uma condição de devastação e a potencialidade narrativa como via de contenção de intensidades disruptivas. Assim, é no estímulo às condições que favorecem e inauguram a representabilidade da dor que a função narrativa adentra o cenário e resgata o sujeito do aprisionamento compulsivo ao ato (Kegler & Macedo, 2016, p. 179).

Por meio da construção de *blogs*, escritos em primeira pessoa, os jovens mostram-se ao mundo por meio de prática ativa nominal endereçada ao outro, constituindo marcas com a alteridade e fazendo laço social. A espera pela confirmação de si no olhar de seus pares fortalece a inovação de um mundo interno pulsante e desejoso. Compartilhando dicas, pensamentos e experiências a partir de um tipo específico de escrita autobiográfica, o caráter surpresa da construção é evidenciado, revelando-se o aspecto do novo criativo que surpreende e dá contorno à experiência (Romão-Dias & Nicolaci-da-Costa, 2012). Importante dizer que o virtual deve direcionar para a vida a partir de um vetor que aponta para a realidade, ou seja, em que o objeto virtualizado na tela alimente os projetos do jovem e o motive “a começar a realizar seus sonhos” (Tisseron, 2015, p. 90).

Além disso, a internet permite uma dança que perpassa por ilimitados personagens, fortalecendo o processo de construção identitária, por meio de uma flutuação em inúmeras partes de si. Por esta lente, portanto, o uso das tecnologias não estaria empobrecendo o eu, mas facilitando a expressão de aspectos pessoais que poderiam estar ocultos em outras circunstâncias.

Por meio de aspectos multifacetados de si, os jovens podem se ver representados no universo *online*. A construção de avatares virtuais como extensão de seus corpos é um exemplo deste tipo de experimentação de possibilidades identitárias (Tisseron, 2015). Contudo, alerta outro autor:

Muitos internautas, e particularmente os adolescentes, agarram-se a seu avatar com um alter ego mais vivo que eles. Por meio dos avatares, eles experimentam formas de sociabilidade ou de sexualidade que podem temer na vida real. O jovem tem, sobretudo, a sensação de controlar a representação de seu personagem mais do que a ele oferece fisicamente para o seu entorno e na qual ele mal se reconhece. Neste sentido, o avatar é uma “faca de dois gumes”. Para alguns, ele é lugar de experimentação, de descoberta, de mera ferramenta de entretenimento, mas, para outros, ele é um refúgio, um confinamento decorrente do mundo circundante (Le Breton, 2017, p. 26).

Winnicott valoriza a imaturidade da adolescência por ser rica especialmente por “ventilar o novo e o fresco, ideias para uma nova vida” (Winnicott, 1975/2019, p. 233). A diversidade das tecnologias oferta-se como espaço potencial para experimentações criativas jovens, enquanto convocam afetos de relaxamento, não-persecutórios, no qual os sujeitos podem se sentir em contato com o núcleo verdadeiro do *self*. A partir disso, defende Le Breton (2017) que as tecnologias da comunicação e informação constituem um fértil espaço potencial propício para o brincar, retomando o conceito winnicottiano de uma terceira área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo. Para que isso seja possível, o autor sugere que o jovem deva prescindir de capacidades específicas, como a flexibilidade e o humor como ferramentas de mediação essenciais para que perpassa pelo mundo *online* com maior segurança, conseguindo oscilar entre presenças e ausências. Dessa forma, é necessário apurar o olhar para as delicadas nuances do uso dos eletrônicos e das diferentes formas na experimentação da virtualidade. No mesmo sentido, para Tisseron (2015), a virtualidade acompanha a todos desde os primórdios da vida, pela razão de o psiquismo se movimentar incessantemente diante das transições de ausência/presença dos objetos e consequentes representações mentais destes. Winnicott (1983/1960a) também relata:

O *self* verdadeiro tem espontaneidade, e isto coincide com os acontecimentos do mundo. O lactente pode agora gozar a ilusão do onipotente criando e controlando, e pode então gradativamente vir a reconhecer o elemento ilusório, o fato de brincar e imaginar. Isto é a base do símbolo que de início é, *ao mesmo tempo*, espontaneidade e alucinação, e *também*, o objeto externo criado e finalmente catexizado (Winnicott, 1983/1960a, p. 133, grifo nosso).

Por fim, seria a partir de uma experimentação prévia de solidão compartilhada na primeira infância com o objeto primário que permitiria ao jovem diante das telas buscar meios não enrijecidos de se relacionar. Dessa maneira, é possível pensar que escolher alguns em uma trama composta de inúmeros modelos identificatórios sem perder-se de si simboliza árdua, mas possível tarefa. Esta empreitada é facilitada quando as marcas da primeira infância forem estruturantes antes de uma integração egóica, por “propiciarem a experiência de ilusão, já que ao olhar para a mãe o bebê se vê refletido nela” (Zornig, 2008b, p. 333). Nestes moldes, a sofisticada atribuição de estar só – acompanhado – é um paradoxo relacionado à possibilidade materna em emprestar seu ego unificado e consistente na função de auxiliar durante o estado de imaturidade do bebê, que se autoriza a simplesmente descansar e ser, por um momento, longe de ansiedades persecutórias, garantindo uma confiança gradativa no meio que, posteriormente, se internaliza como a confiança de si. Por fim:

É somente sob essas circunstâncias que a criança pode ter uma experiência que é sentida como real. Um grande número de tais experiências forma a base para uma vida que tem realidade em vez de futilidade. O indivíduo que desenvolveu a capacidade de ficar só está constantemente capacitado a redescobrir o impulso pessoal, e o impulso pessoal não é desperdiçado porque o estado de estar só é algo que (embora paradoxalmente) implica sempre que alguém também está ali. Com o passar do tempo o indivíduo se torna capaz de dispensar a presença real da mãe ou figura materna. Isso tem sido denominado em termos de estabelecimento de um “meio interno” (Winnicott, 1958/1983, p. 36).

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1981) O Adolescente e a Liberdade In: Aberastury, A. & Knobel, M. *Adolescência Normal*. (pp. 13-23). Porto Alegre: Artmed.
- Calligaris, C. (2000) *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha (Folha explica).
- Camara, L., Klein, T., & Herzog, R. (2014) Por um olhar de confiança. In: Herzog, R. & Pacheco-Ferreira, F. (Orgs.). *De Édipo à Narciso – a clínica e seus dispositivos*. (pp. 103-118). Rio de Janeiro: Cia de Freud: UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC.
- Cardoso, M. R. (2014) Dependência e adolescência: a recusa da diferença. In: *Ágora*, Rio de Janeiro, 17(esp.):63-74.
- Cardoso, M. R. (2022) O novo retorno do traumático na psicanálise hoje: além do mal-estar? In: Cardoso, M. R., Macedo, M. K., & Zornig, S.A. (Orgs). *Figuras do extremo*. (pp.65-83). São Paulo, Blucher.
- Cubria, A. C, Vertzman, J., & Pacheco-Ferreira, F. (2018). Documentação visual do cotidiano e adolescência. In: *Psicanálise com adolescentes: pesquisa e inovação*. (pp.149-162) Lo Bianco, A. C. et al. (Orgs.) Instituto de Psicologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro/CAPES.
- Dolto, F. (2004) *A causa dos adolescentes*. Aparecida-SP: Ideais & Letras.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1905).
- Garcia-Roza, L. A. (1985) *Freud e o Inconsciente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gondar, J. (1995) Pesquisa em Psicanálise In: *Cadernos do Tempo Psicanalítico/Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*, Rio de Janeiro, 1:8-73.
- Hanke, B. C. & Oliveira, M. O. (2017) Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise In: *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, 20(2):295-310.
- Kegler, P. & Macedo, M. M. K. (2016). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em psicanálise In: *Tempo Psicanalítico/Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*, Rio de Janeiro, 48.1:171-190.
- Le Breton, D. (2017) Adolescência e Comunicação. In: Lima, N. L., Stengel, M., Nobre, M. R., & Dias, V. C. (Orgs.). *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Artesã.

- Lo Bianco, A. C. (2003) Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. In: *PsicoUSF*, 8(2):115-123.
- Marty, F. & Cardoso, M. R. (2008) Adolescência: um percurso franco-brasileiro. In Cardoso, M. R., Marty, F. (Orgs) *Destinos da Adolescência*. (pp. 9-16) Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Minerbo, M. (2016) *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher.
- Násio, J.-D. (2007) Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar.
- Outeiral, J. (2003) *Adolescer – Estudos Revisados sobre Adolescência*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Pinheiro, T. (2001) Narcisismo, sexualidade e morte. In: Cardoso, M. R. (Org). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. (pp.69-79) Rio de Janeiro: Nau/Faperj.
- Romão-Dias, D. & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2012) O brincar e a realidade virtual. In: *Cadernos de psicanálise/Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro*, 34(26):85-101.
- Tisseron, S. (2015) *Sonhar, fantasiar, virtualizar: do virtual psíquico ao virtual digital*. São Paulo: Edições Loyola.
- Viana, D., Montes, F., Cristofaro, M., & Caravelli, S. (2012) Os destinos da culpa na contemporaneidade In: Vertzman, J., Herzog, R., Pinheiro, T., & Pacheco-Ferreira, F. (Orgs.). *Sofrimentos narcísicos*. (p. 206-227) Rio de Janeiro: Cia de Freud: UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC.
- Winnicott, D. W. (1978) Variedades clínicas da transferência. In: Winnicott, D. W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (pp. 483-489) Rio de Janeiro: F. Alves (Obra original publicada em 1955-6).
- Winnicott, D. W. (1983) A capacidade para estar só. In: Winnicott, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*. (pp. 31-37) Porto Alegre: Artes Médicas (Obra original publicada em 1958).
- Winnicott, D. W. (1983) Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso “self”. In: Winnicott, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artes Médicas (Obra original publicada em 1960a).

- Winnicott, D. W. (1983) Teoria do Relacionamento paterno-infantil. In: Winnicott, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp.38-54). Porto Alegre: Artes Médicas (Obra original publicada em 1960b).
- Winnicott, D. W. (2019) A localização da experiência cultural In: Winnicott, D. *O brincar & a realidade*. (p. 154-166) São Paulo: Ubu (Obra original publicada em 1967).
- Winnicott, D. W. (2019) Conceitos atuais do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação de nível superior” In: Winnicott, D. W. *O brincar & a realidade*. (p. 219-238) São Paulo: Ubu (Obra original publicada em 1968).
- Winnicott, D. W. (2019) A criatividade e suas origens In: Winnicott, D. W. *O brincar & a realidade*. (pp. 228-238) São Paulo: Ubu (Obra original publicada em 1975).
- Zornig, S. (1999) Adolescente e modernidade. In: *Cadernos do Tempo Psicanalítico/Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*, Rio de Janeiro, 4:143-149.
- Zornig, S. (2008a) *A criança e o infantil em psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Zornig, S. (2008b) Corporeidade na clínica: primórdios do psiquismo. In: *Tempo psicanalítico/Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*. Rio de Janeiro, 40(2):327-337.